

Como Avaliar as Produções do Espírito?¹

"Na civilização moderna existem duas grandes ameaças à segurança mental: o novo modo de viver, que tornou os velhos símbolos da natureza estranhos às nossas mentes, e o novo modo de trabalhar, que faz da atividade pessoal algo sem sentido, inaceitável para a imaginação faminta."

(Susanne hanger, 1941/1971, p. 287)

Entregar este número a nossos leitores é, para nós, momento de grande contentamento pois, com ele, completamos o Volume 14 correspondente ao ano de 1998, estando assim próximos de regularizar nossa publicação, a qual, de fato, vem crescendo em número de assinantes e de manuscritos submetidos. Para acompanhar seu crescimento, andamos a passos rápidos e nos últimos seis meses (desde abril até esta data) entregamos três fascículos. No entanto, apesar desse nosso crescimento, desde o início do ano uma série de ficções têm circulado a respeito da situação de nossa revista. Fomos indagados por muitos pesquisadores por e-mail, telefone, e contatos pessoais, a respeito de tais ficções. Dessa forma, em consideração a nossos assinantes e leitores, resolvemos oferecer-lhes algumas informações sistematizadas sobre este volume e outros dados conexos para aqueles interessados em confrontar ficção e realidade sobre a situação de *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.

Qualidade

De início, não é demais enfatizar que a periodicidade de nossa revista é real. Se o atraso é imposto por condições alheias a nossa vontade, cuidamos de aceitá-lo como realidade e tentamos superá-lo com o nosso esforço redobrado. Todavia, não procuramos recuperá-lo aceitando fazer o que os editores norte-americanos chamam trabalho *quick and dirty*, ou seja, a apresentação de números compactos. Recentemente, durante o II Encontro de Editores Científicos de Periódicos da Área da Saúde² ouvimos, nas diversas exposições e debates sobre fatores determinantes da qualidade de periódicos científicos, a opinião unânime de que dois indicadores da baixa qualidade de uma revista são a compactação de números e a descontinuidade, pecados que nossa revista jamais cometeu em seus quinze anos de existência.

Para a avaliação dos manuscritos submetidos durante o ano de 1998, colaboraram enviando seus pareceres, alguns mais de uma vez, 96 consultores *ad hoc* das diferentes espe-

cialidades da psicologia, como se poderá constatar na relação que publicamos às páginas vii-viii. Ou seja, seguimos confiando no sistema de *peer review* normal como o melhor critério para seleção e avaliação de manuscritos. Mantemos estritamente os padrões estabelecidos pela APA, em sua adaptação para a nossa cultura, tal como foi realizada por nossas editoras anteriores, bravas guerreiras em prol da qualidade de nosso periódico. Com relação a nossas normas para publicação, pareceu-nos oportuno registrar que fomos solicitados e concedemos autorização para que as mesmas sejam usadas pelas seguintes revistas: *Temas em Psicologia*, *Cadernos de Psicologia* (ambas da Sociedade Brasileira de Psicologia), *Psicologia em Estudo* (Universidade de Maringá), *Mente Social* (Universidade Gama Filho) e *Avaliação Psicológica*, do Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia, a ser lançada durante o ano 2000.

Não nos basta publicar e fazer o registro dos trabalhos para o justo reconhecimento acadêmico e finalidades de promoção funcional na carreira universitária. Queremos que nossos autores sejam lidos, consultados e citados, por isso nossa secretaria de divulgação cuida de atualizar as informações junto às bibliotecas assinantes (nacionais e internacionais) ou com as quais mantemos permutas e doações e de verificar a disponibilidade de nossa revista em seus acervos. A esse respeito, fomos informados por CS. Hutz (carta de 7 de junho de 1999), em nome da Comissão da CAPES-ANPEPP designada para avaliar as revistas da psicologia que, na "ficha de avaliação" elaborada para esse fim, nesse quesito nossa revista recebeu a nota máxima, 7 pontos. Em suma, o que pretendemos deixar claro a nossos assinantes e leitores é que, para além de pontos ganhos ou perdidos em tal índice de avaliação, nossa secretaria de divulgação cuida para que *Psicologia: Teoria e Pesquisa* chegue às estantes das bibliotecas e para que ela atinja a comunidade científica brasileira.

Para a realização deste volume, contamos com a participação de 52 autores nacionais representantes de universidades brasileiras (públicas e privadas) e de sete autores internacionais (nº 1 = 2; nº 2 = 3 e nº 3 = 2), pertencentes a seis universidades estrangeiras. Assim, do total de 59 autores (nacionais e internacionais) que publicamos neste Volume, 11,86% pertencem a universidades estrangeiras, e, do total de 32 artigos publicados, seis são assinados por autores internacionais, o que resulta em um percentual de 18,75%, números que nos qualificariam para receber a pontuação máxima nesse índice avaliativo constante da "ficha de avaliação" CAPES-ANPEPP antes mencionada.

A propósito, no período tomado para avaliação pela CAPES-ANPEPP, o biênio junho de 1996 a junho de 1998, contrariamente ao que constou dos resultados divulgados oficialmente por CS. Hutz (carta de 13 de agosto de 1999), nossos índices para o período, e que remetemos, em 29.06.1999, à supra citada Comissão por solicitação desta, podem ser vistos na tabela que se segue:

1 Colaborou na composição deste editorial, Rachel Nunes da Cunha.
2 Evento realizado em São Paulo, a 24 de setembro de 1999, por promoção conjunta de: ABEC - Associação Brasileira de Editores Científicos, BIREME - Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, e CENIC - Centro de Informação Científica do Hospital Albert Einstein.

Volume (n°)	Artigos	Autores Internacionais
12(2)	10	2
12(3)	11	1
13(1)	10	2
13(2)	8	0
13(3)	8	0
14(1)	12	2
Totais	59	7

Dentre os autores internacionais que publicamos nos últimos volumes vale a pena dizer umas poucas palavras sobre alguns dos nomes mais importantes: Fred Keller e Paul Weingartner.

Fred Keller é considerado ao lado de B. F Skinner, um dos mais importantes analistas do comportamento por ter sido responsável pela difusão do ensino da análise experimental do comportamento, tanto nos Estados Unidos quanto na América Latina. Segundo Michael (1993), o primeiro texto básico de análise experimental do comportamento de fácil leitura foi o *Princípios de Psicologia*, publicado em 1950, juntamente com W. Schoenfeld. Este livro é uma referência histórica na análise do comportamento devido ao impacto de conduzir estudantes de graduação à pós-graduação com perspectiva analítico-comportamental, tanto nos Estados Unidos como em vários países da América Latina.

Paul Weingartner é um dos quatro grandes lógicos da filosofia analítica na atualidade ao lado de Karl Popper, Roderick Chisholm e Richard Martin, conforme foi apontado por Joseph-M. Bochenski (1990, p. 93), filósofo que igualmente o considera um dos maiores da ontologia em nosso tempo. *Atualmente, no Ocidente, temos por exemplo Quine e Bunge. Temos ainda um outro ontólogo que São Tomás de Aquino teria amado: Weingartner, de Salzburgo* (p. 163). Ressalte-se ainda que a contribuição de Weingartner para o Volume 14(1) constitui a primeira publicação de seu trabalho em língua portuguesa. Trata-se de um *paper* lido pelo autor e debatido em nosso Instituto e que poderá ser muito útil para a clarificação do fenômeno das crenças, tema fundamental para a pesquisa em diversas especialidades da Psicologia. E, nada pode ser mais salutar para a Psicologia que o recurso à lógica.

No Número 2, do Volume 14, introduzimos uma inovação: um artigo bilingüe, português e alemão. De acordo com nosso Estatuto, podemos publicar artigos em quatro línguas estrangeiras: espanhol, francês, inglês e alemão. Como um presente a nossos leitores, oferecemos o texto de Wilhelm Schmid, autor que na Alemanha vendeu mais de 20 000 exemplares de seu livro, *Auf der Suche nach einer neuen Lebenskunst: Die Frage nach dem Grund und die Neubegründung der Ethik bei Foucault* (Em busca de uma nova arte de viver: a questão segundo o fundamento e o novo fundamento da ética em Foucault), publicado por Suhrkamp Verlag, em 1998, e resultante de sua tese de *Habilitation* (Livro-Docência), livro que já está sendo traduzido para o

japonês e o italiano. E, modestamente, oferecemos uma versão em português para que nossos leitores pudessem ter uma síntese das idéias sobre a ética de Michel Foucault desenvolvida por Schmid. Este mesmo autor, já nos havia oferecido uma amostra de seu elegante estilo no primeiro fascículo deste volume: seu registro do evento promovido pelos psicólogos norte-americanos, Eugene Gendlin e Richard Schweder, sobre as tendências da psicologia em tempo posterior ao movimento pós-modernista, realizado na Universidade de Chicago, em 1997.

Neste número, publicamos um artigo em inglês de dois professores de universidades francesas: Nadège Soubiale de Reims Champagne-Ardennes e Nicolas Roussiau de Rennes II, autores que nos ofereceram a oportunidade de divulgar na França seu trabalho, *Social Representation of Islam and Changes in the Stereotype of Muslims*, tema de escassa bibliografia na língua daquele país, e também a oportunidade de, simultaneamente, fazer de nossa revista uma referência dentro da larga discussão sobre essa questão no mundo de língua inglesa.

No intercâmbio internacional, tivemos ainda no 14 (2), a oportunidade de divulgar em nossa língua o trabalho de Gustavo Cario, da Universidade de Nebraska - Lincoln, sobre desenvolvimento moral, realizado em parceria com Sílvia Koller, da UFRGS. E, também, a notícia que nos foi enviada do México por Ramon Ferreiro Gravié, da Universidade La Salle, sobre o desenvolvimento no plano internacional das pesquisas que visam a "educação para o talento".

Mercadoria e Espírito

Uma revista científica é, simultaneamente, produção do espírito humano e produto da indústria cultural, podendo então ser vista sob duas perspectivas: como objetivação de uma configuração cultural do espírito ou como mercadoria (Não nos esqueçamos que nos dois casos, ela pode tornar-se objeto de fetiche.).

Esses dois pontos de vista estão submetidos a lógicas distintas, ou seja, tratam do objeto revista científica de acordo com lógicas diversas. Na indústria cultural, dada a intimidade entre indústria e comércio, funciona a lógica da produção industrial e da ampliação do mercado consumidor. Por sua vez, como objetivação de uma atividade do espírito (no caso, a ciência), as revistas científicas serão tratadas segundo a lógica do sentido.

A meta da produção industrial é o seu próprio aumento. A indústria e o comércio visam produzir e vender sempre mais. Não se questiona tais metas. O que se coloca em dúvida é a adequação dos métodos de avaliação análogos aos usados na avaliação da produção industrial, para avaliar e pontuar uma objetivação do espírito humano.

Isto não significa, contudo, que a lógica da produção industrial, quando aplicada à avaliação de uma revista científica, não apresente bons resultados. Pelo contrário, quantificações, percentagens, gráficos etc. mostram claramente o que o discurso encobre. Mas, apesar disso, essa lógica tem

seus limites restringidos e conduz a impasses classificatórios quando se olha uma revista científica não mais como mercadoria mas como produção do espírito.

Pois bem, é óbvio que gostaríamos de vender mais. Isto significaria, numericamente, a maior difusão do conhecimento produzido. Quem poderia ir contra isso? No entanto, o conhecimento que difundimos é de saberes especializados e estes exigem domínio das muitas linguagens artificiais nas quais as ciências expressam seus achados. E aí encontra-se um limite para a circulação de revistas científicas. Elas são produzidas coletivamente por pesquisadores científicos especializados e visam o diálogo entre pares. E, tal coletivo, como sabemos, é bem reduzido em nosso país. A título de informação, para evitar ficções que contam os cientistas às centenas de milhares, registramos que a coleta de nomes e dados de pesquisadores qualificados que fizemos para constatar de nosso Diretório de Pesquisadores Científicos da Psicologia Brasileira não passa da casa dos setecentos.

Deixemos claro que não se trata de isolar cientistas em uma torre de marfim, mas de marcar a diferença no que se refere ao público consumidor, entre revista científica e revista de divulgação popular de resultados de pesquisas. A primeira, veicula resultados de pesquisas em andamento e o faz na linguagem própria das ciências que são altamente desenvolvidas e em grande parte matematizadas. Por seu lado, nas revistas de divulgação popular, visando facilitar a compreensão do leitor, faz-se necessária a paráfrase, o que, não raras vezes, reconhece Vaz de Lima (1999, p. 5), "corrompe e banaliza o conteúdo de um determinado Conceito ou teoria científica". Todavia, a discussão da importante questão da divulgação científica para leigos ultrapassa os limites deste escrito.

Assim, considerando a natureza das revistas científicas e os limites impostos à sua circulação, parece-nos que o desejado crescimento do movimento editorial de periódicos científicos em nosso país depende, antes de mais nada, da implementação de políticas públicas que criem condições para desenvolvimento pleno da ciência brasileira. Não é bem

essa a situação que vivemos atualmente nas universidades federais, um dos centros, por excelência, da pesquisa científica. Já vivemos o dismantelamento das instituições de ensino superior público e começamos a viver agora o encolhimento e a menorização da pós-graduação *stricto sensu*, atividade formadora de cientistas, em favor da expansão da pós-graduação *lato sensu*, atividade formadora ainda não sabemos do que, pois a experiência nessa direção é ainda incipiente. Sabemos apenas que sua meta não é a mesma do mestrado e do doutorado, cursos voltados para a formação qualificada de docentes e pesquisadores para atuar no ensino superior. E, para concluir, ressaltamos que o encolhimento e menorização da pós-graduação, para dizer o mínimo, trarão conseqüências negativas para a produção de revistas científicas. E isto, sabemos, não expressa a vontade geral da comunidade científica brasileira e sim a vontade de particulares dentro da política científica do governo; particulares que tentam cristalizar relações de poder, que são reversíveis por sua própria natureza, e com tal paralisia instituir estados de dominação em que o poder é unilateral, estado de coisas a que nenhum ser autônomo e pensante dá seu assentimento.

Referências

- Bochenski, J.-M. (1990). *Entre la logique et la foi: entretiens avec Joseph M. Bochenski recueillis par Jan Parys*. Montricher (Suíça): Les Editions Noir Sur Blanc.
- Langer, S.L. (1971). *Filosofia em nova chave: um estudo do simbolismo da Razão, Rito e Arte*. (J. Ginsburg, Trad.) São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1941)
- Michael, J. (1993). *Concepts and principles of behavior analysis*. Kalamazoo, Mi: Society for the Advancement of Behavior.
- Vaz de Lima, J.C (1999). Divulgação científica e sociedade. *Notícias FAPESP*, 45, p. 5.

Norberto Abreu e Silva Neto